

# CHRONICA.

## A SEMANA.

Que insipida semana, leitores; como me veria eu atrapalhado para vos dar noticias minhas, se não houvessem neste periodo de dias dous espectaculos.

Ora, dous espectaculos não é brincudo, meus pios leitores, pois que eu vos regulo cá pelo rapaz, que entra alegre e folgazão na platéa, tomo assento, puchinho do binoculo, e... examino todos os rostos do bello sexo.

Perdão, leitoras, eu retiro a expressão; eu queria dizer, examino todos os rostos, mas não bellos, porque ali, deveis concordar commigo, apparece cada um... feio em regra... não é verdade?

Ora eis ahi, afinal de contas, toca a orchestra, sobe o panno, apparece pela terceira e quarta vez a *Estatua de Car-tago*—os actores brillão, as actrizes colhem para o futuro mais uma corôa de louros e... cahe o panno.

Agora sim, eis-me então cahido em toda a profundeza da realidade, levo a mão ao bolso, sinto-o mais phtisico do que quando entrei e acabo por dizer cá com os meus botões:—forão-se os ultimos cobres que formavão toda a minha fortuna.

Momentos depois, eis-me a caminho de casa; apoz a jornada, vem o cansaço, e durmo.

Deixando os meus leitores no theatro entro no baile da *Campesina*, onde pouco me demorei.

Esta sociedade, como sempre, brillou, o baile esteve animado, e a alegria divisava-se no rosto de todos.

Não offendendo o amor proprio de minhas leitoras, direi que me causou não sei o que, cá por dentro, a apparição de uma bella morena, trajando um vestido verde, guarnecido de barra preta, o lindo cabello adornado da mesma côr, prendia-lhe a flexivel e elegante cintura uma fita tambem preta: o niveo collo era adornado com flores artifictaes.

Estava eu contemplando este anjo de meus sonhos, quando de um lado do salão vi sahir um joven que dansava; vi algumas pessoas murmurarem, e dei attenção ao que se passava.

O moço, talvez destrahido, esquece-se que estava no baile da *Campesina*, e julgou-se no centro de um grupo de mascaradas, pois que contra toda a regra civilisação, puchava uma comprida fi-eira, o que produzia de um lado a murmuração e do outro o ridiculo que representava no seu papel de Polichinello.

E' bom que não continue taes abusos, pois que com isso póde resultar a retirada de algumas familias.

—Agora nós, meu amiguinho da jogatina de noute, vossa mercê, por ser italiano, e morar lá para o alto da Caridade, se julga no direito de fazer reuniões de marmanjos, tomando a presidencia da mesa, onde muitas vezes a troca de quatro vintens se fazem e-quilibrios gymnasticos.

Tome o meu conselho, não continue a fazer club de sua casa, do contrario eu chamo para esse fim, a attenção do Dr. chefe de policia.

Já que fallei em policia; os leitores devem estar lembrados de um conficto que se deu ha tempos entre um tal Vasco e Campos; pois bem, a questão que já parecia morta, com grave prejuizo de Vasco, acaba de resussitar, por um processo segundo dizem, contra o offendi-do; isto não é de minha conta, mesmo não conheço Vasco ou Campos, porém, boqueija-se contra esse processo, falla-se em injustiças, em abusos, e que mais sei eu, diz até que... nada... nada, procurarei melhores dados, e depois contarei aos leitores o que me parecer de direito.

— As nossas leitoras sabem onde é a rua de Santa Catharina? Eu tambem sei, mas não passo lá, não, minhas leitoras, fujo d'aquella rua como Satan da Cruz, e se me fosse dado aconselhar-vos, vos diria, fugi, leitoras, fugi; mas não vos assusteis, não são phantasmas que ali apparecem alta noute, nem almas que não atinarão com o caminho do céo, não é gente viva, viva como nós, a unica differença que existe n'aquella rua, é uma casa onde os morado-

res tem quatro olhos, que luzem, como brilhantes aos raios do sol.

Ora, isto tambem não seria de minha conta, se me não tornassem victima de seus quatro olhos.

Está claro, que o meu amigo *ruivo*, ignora o que ali se passa, do contrario, faria applicar um pouco o modo desdenhoso e aborrecido com que se mimosea a todo o ente que tem a infelicidade de ali passar.

As leitoras de certo já me entenderão, e se não tiverão sagacidade bastante para o fazerem, eu lhes direi que me refiro ás lunetas, que sem escrupulo nem decencia ali se applicão de um modo... extravagante.

Agora, passemos um pouco além, vamos levar o leitor até á rua do Arvoredo.

Ali sim, ali, é que se aprecião quadros encantadores, arrebatadores, horripillantes, nojentos, emfim, quadros de toda a especie, e de todos os gostos e fôrmas.

Vêdes, eis ali um, que vive recluso, como um frade; sua veste ainda não apanhou um raio do astro rei; eil-o triste, pensativo, chegando a furto no peitoril da janella, que faz elle, em que pensa?

Perguntai-o a uma outra cabecinha que distante um pouco apparece tambem a furto na janella, e ella vos responderá, nascemos um para outro, porém...

Vêde aquelle outro, sentado ou deitado sobre o musgo, sem sentir que o dia se esvae, que o sol lhe ha tostado a pelle do rosto, sem sentir mesmo que a noite estende já seu manto de estrellas sobre o mundo; que faz elle?

Perguntai o á desgraça, a sina fatal que o perseguio, e ella vos dirá:

Mysterios de Deus!...

Mas o espaço do jornal, não nos permite a continuação dos quadros, paremos pois aqui, para deixar um cantinho do jornal para vos apresentar dous versos e uma desculpa.

Os versos são de uma Senhora, que segundo dizem, gloza de improviso e chama-se Florisbella.

Motte.

Entre arvoredos e flores  
Choro a minha triste vida.

Gloza.

Em tempo de minha infancia  
Cercada de mil louvores,  
Eu cantava alegremente  
Entre arvoredos e flores.

Hoje a sorte me mostrou  
Minha gloria submergida  
Em desgraças e desgostos  
Choro a minha triste vida.

Agora, uma desculpa aos nossos assignantes e leitores, já se sabe.

Vossas mercês, conhecem um certo sujeitinho que por ahi anda e a quem apellidão de *Perna Santa*?

Pois bem, eis um homem que caçoou com os proprietarios do *Relampago* Domingo passado, e logrou seus assignantes.

O nosso innocentinho, *Perna Santa*, recebeu como de costume os exemplares d'este periodico para d'elles fazer a entrega competente, porém, o menino descuidou-se e esquecêo os jornaes atraz de um bahú.

E que lhes parece, leitores, a gracinha do endiabrado *MENINO*?

No entanto pesou sobre os proprietarios a responsabilidade da falta, quando estes ignoravão todas as artes do sempre lembrado *Perna Santa*.

Com esta leitores, feixo por hoje a porta, pedindo-vos desculpa em nome dos proprietarios dessa falta, e se vos achaes prejudicados em algum dos numeros, tendo a bondade de os mandar reclamar na typographia do *Rio Grandense*.

Sem mais priambulos, despede-se por seis dias o

*Farrabraz.*